

ENTRE DADOS E AFETOS: A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Iani Iasmin de Sousa Trajano

Discente - Centro Universitário Fametro - Psicologia

iani.trajano@aluno.unifametro.edu.br

Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira

Docente – Centro Universitário Fametro – Unifametro

zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Psicologia social e comunitária

Área de Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Encontro Científico: XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: A contemporaneidade é atravessada pela aceleração tecnológica e pela difusão da Inteligência Artificial Generativa (IA), que não apenas organiza informações, mas cria conteúdos e narrativas, simulando subjetividade e impactando diretamente modos de existir, vínculos sociais e experiências afetivas. **Objetivo:** Refletir criticamente sobre as implicações do uso da Inteligência Artificial Generativa nos processos de subjetivação contemporâneos. **Métodos:** Pesquisa básica, qualitativa, de caráter exploratório e delineamento teórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica crítica de autores da Psicologia Social Crítica, da Filosofia e da Sociologia. **Resultados:** Verificou-se que a IA generativa atua como dispositivo de modulação subjetiva, orientando desejos, afetos e comportamentos segundo lógicas algorítmicas e mercadológicas. Essa dinâmica intensifica sofrimentos psíquicos como ansiedade, esgotamento e sensação de inadequação, além de instaurar novas formas de alienação afetiva, em que vínculos artificiais competem com relações humanas. Também se observou que, ao aprender a partir de dados historicamente enviesados, a IA tende a reproduzir desigualdades sociais e simbólicas, revelando-se não como ferramenta neutra, mas como projeto político de subjetivação. **Considerações finais:** Conclui-se que a Psicologia é convocada a assumir uma postura crítica e ética frente à expansão da IA generativa, resistindo à redução da subjetividade a métricas estatísticas e defendendo práticas que valorizem a singularidade humana. Recomenda-se a realização de estudos empíricos que investiguem os impactos concretos da IA generativa na constituição da subjetividade em diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa; Subjetividade; Psicologia Social Crítica; Sofrimento Psíquico; Tecnologias Digitais.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por transformações radicais nos modos de existir, conviver e produzir sentido. Inseridos em um contexto de aceleração tecnológica, hiperconectividade e automatização da vida cotidiana, os indivíduos enfrentam uma

reconfiguração profunda de suas experiências afetivas, dos vínculos sociais e da percepção de si. Esses processos não ocorrem de forma isolada, mas estão articulados a um modelo de organização social: a racionalidade neoliberal, que ultrapassa o campo econômico para se instaurar como uma lógica global, atravessando instituições, relações e subjetividades.

O neoliberalismo, mais do que um conjunto de políticas econômicas, institui uma racionalidade que atravessa as práticas sociais e subjetivas, operando como uma forma de “governo das condutas”. Como afirmam Dardot e Laval (2016), “com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (p. 14). Trata-se de uma “nova razão do mundo” que impõe a concorrência como valor central e a figura da empresa como modelo de subjetivação (Dardot e Laval, 2016). Nessa lógica, o sujeito é convocado a gerir sua própria vida como um capital a ser maximizado, assumindo total responsabilidade por seu sucesso ou fracasso. Essa configuração subjetiva é descrita por Han (2010) como marca da sociedade do desempenho, onde o indivíduo se transforma em empresário de si mesmo e, paradoxalmente, em explorador e explorado: “o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (p. 53), produzindo uma liberdade paradoxal que resulta em autoexploração e esgotamento psíquico.

Essa racionalidade se intensifica com o avanço das tecnologias digitais, em especial da Inteligência Artificial (IA). Diferente de outros recursos técnicos, a IA não apenas organiza informações, mas produz conteúdos, narrativas e interações que impactam diretamente os modos de existir. Sayad (2023) observa que essas tecnologias “impactam a vida em sociedade em uma velocidade inédita [...], até ocupando papel de relevância no debate sobre políticas públicas” (p. 26). No caso da IA generativa, há uma novidade importante: a máquina não apenas processa dados, mas cria respostas, textos e imagens que simulam subjetividade, influenciando desejos, afetos e decisões cotidianas.

Nesse novo cenário, as subjetividades passam a ser reconfiguradas por algoritmos, interfaces inteligentes e plataformas digitais, que operam segundo lógicas preditivas e mercadológicas. Os afetos tornam-se legíveis por dados; as relações sociais passam a ser mediadas por dispositivos; e a construção de si é constantemente referenciada por métricas, perfis e performances digitais.

Além disso, a própria complexidade da vida psíquica é colocada em risco diante de modelos técnicos que operam sob princípios binários, racionais e estatísticos. A IA, embora

avance no processamento de informações, permanece incapaz de acessar aspectos fundamentais da subjetividade humana, como consciência, desejo, afeto e contradição. “Os modelos ou sistemas de IA extraem propriedades estatísticas do mundo para entender, por exemplo, imagens, textos e sons. Ainda não se tem clareza a respeito de atividades do cérebro como emoções, consciência, afeto, entre outras funções”, reconhece Sayad (2023, p. 27).

Esse panorama instaura novas formas de sofrimento psíquico, cada vez mais relacionadas à exposição constante, à comparação infinita, à dissolução dos vínculos profundos e à sensação de inadequação diante de um mundo regido por dados e padrões inatingíveis. Sayad (2023) argumenta que a hiperconectividade, o bombardeio de estímulos e a vigilância algorítmica impõem aos sujeitos uma constante pressão por conformidade e adaptação, o que favorece o esvaziamento da presença, a insegurança subjetiva e o aumento de sintomas como ansiedade e exaustão. A Psicologia, nesse contexto, é convocada a repensar suas práticas e fundamentos diante da ascensão de subjetividades cada vez mais automatizadas e esvaziadas de presença. A subjetividade não pode ser entendida como essência interior do sujeito, mas como expressão do lugar histórico-social que o indivíduo ocupa no conjunto das relações que o constituem. Como afirma Lane (1984), “a subjetividade não é dada, ela se constrói nas relações sociais históricas e é, portanto, uma expressão do lugar ocupado pelo sujeito no processo de produção da vida material e simbólica”. Essa compreensão, portanto, exige da Psicologia um posicionamento diante das forças sociais que moldam o psiquismo.

Dessa forma, este trabalho parte do entendimento de que a IA generativa atua como dispositivo central na reconfiguração da subjetividade contemporânea, sendo necessária compreendê-la não apenas como avanço técnico, mas como elemento político, ético e afetivo.

A relevância científica e social deste estudo reside na urgência de refletir criticamente sobre os efeitos da Inteligência Artificial Generativa na constituição da subjetividade, dos vínculos e das experiências afetivas, reconhecendo a necessidade de debates éticos e de posicionamentos críticos no campo da Psicologia. A IA não deve ser naturalizada como tendência inevitável, tampouco demonizada como ameaça isolada: ela precisa ser compreendida como parte de um processo histórico mais amplo de modulação da vida, que exige reflexão constante, análise situada e abertura para a construção de alternativas éticas e humanizadoras.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral refletir criticamente sobre os impactos da Inteligência Artificial Generativa nos processos de subjetivação contemporâneos. Para isso, busca-se: analisar como a lógica algorítmica influencia os processos de subjetivação e os modos

de existir; discutir os efeitos da IA sobre os vínculos sociais e experiências afetivas e apontar possíveis implicações éticas e críticas para a atuação da Psicologia diante desse cenário.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e exploratória, de delineamento teórico-conceitual, conforme classificação proposta por Gil (2008). A investigação desenvolve-se por meio de uma revisão bibliográfica crítica, com o objetivo de refletir sobre os impactos da Inteligência Artificial Generativa nos processos de subjetivação contemporâneos.

A escolha por uma revisão bibliográfica fundamenta-se na possibilidade de abarcar uma gama ampliada de fenômenos e interpretações teóricas de diferentes campos do saber, o que se mostra essencial diante da complexidade do objeto de estudo. Como afirma Gil (2008, p. 44), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

O referencial teórico adotado articula a Psicologia Social Crítica, a Filosofia e a Sociologia, com o intuito de compreender os processos de subjetivação mediados por tecnologias digitais em contextos atravessados pela racionalidade neoliberal. A seleção das obras considerou critérios de relevância temática, atualidade das publicações e pertinência com os objetivos do estudo, incluindo autores como Silvia Lane, Byung-Chul Han, Alexandre Sayad e Pierre Dardot e Christian Laval.

A análise desenvolvida assume um caráter reflexivo, crítico e interdisciplinar, visando problematizar os efeitos da IA sobre a vida psíquica, os laços afetivos e a prática psicológica. Por se tratar de um estudo teórico, não foram realizados procedimentos empíricos nem houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética. Ainda assim, o estudo sustenta-se em um compromisso ético e político com a produção de conhecimento situado, implicado nas transformações tecnológicas que afetam o ser humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Inteligência Artificial, em especial em sua vertente generativa, consolidou-se como dispositivo estruturante da vida social, atuando não apenas como ferramenta técnica, mas como força ativa na constituição de subjetividades. Diferente de outras tecnologias digitais, a IA não se limita a mediar interações: ela produz conteúdos, narrativas e respostas que moldam percepções, afetos e modos de existir, reorganizando de forma inédita a experiência subjetiva.

Como lembra Hilário (2024), “a produção de aparatos tecnológicos envolve política, poder e subjetividade” (p. 19), evidenciando que a IA opera em um nível que ultrapassa a mediação, tornando-se parte constitutiva do psiquismo contemporâneo.

Essa potência se manifesta na maneira como algoritmos de IA generativa influenciam decisões e condicionam comportamentos a partir da coleta incessante e do processamento preditivo de dados. Sayad (2023) observa que os sujeitos “são monitorados e bombardeados por estímulos oriundos da análise de seus perfis comportamentais” (p. 105), mas, no caso da IA generativa, há um passo além: ela não apenas recomenda, mas produz interações e discursos personalizados, o que cria efeitos subjetivos de convencimento, direcionamento de desejos e naturalização de padrões sociais. O risco, portanto, é o sujeito ser reduzido à função de usuário, fragmentado e esvaziado de historicidade, onde a subjetividade é limitada a um funcionamento estatístico, regido por métricas e dados mercadológicos. Lane (1984) já advertia que, ao não reconhecer o sujeito como produtor e produto de sua história, a Psicologia reforça condições que impedem processos de transformação social.

Hilário (2024) complementa esse diagnóstico ao afirmar que “a mera presença do smartphone traz consigo um complexo de obrigações, sentimentos e sofrimentos” (p. 20), revelando uma subjetividade mobilizada mesmo na inatividade. A hiperdisponibilidade exigida pelas tecnologias reforça a vigilância interna e o medo da desconexão, criando um estado de prontidão contínua.

Outro impacto significativo está na esfera dos vínculos e afetos. Diferente de redes sociais tradicionais, em que a mediação ocorre entre sujeitos, as interações com sistemas de IA introduzem uma novidade: a possibilidade de estabelecer laços com máquinas que simulam subjetividade. Sayad (2023) lembra que “a IA não é subjetiva, nem neutra” (p. 18), mas, ao gerar textos, imagens ou diálogos, a IA produz experiências afetivas que, para muitos usuários, se apresentam como genuínas. Assim, essa dinâmica intensifica o deslocamento da intimidade para a performatividade, já descrito por Han (2017) na “sociedade da transparência”, mas agora mediado por agentes não humanos, que reforçam padrões de visibilidade e vigilância.

Essa lógica tem como consequência sofrimento psíquico, manifestando-se em ansiedade, sensação de inadequação e esgotamento, mas também novas formas de alienação afetiva, nas quais a autenticidade do vínculo se dilui na interação com respostas automatizadas. Lane (1984) destaca que, para compreender o sofrimento, é necessário levar em conta as condições sociais, políticas e econômicas nas quais o sujeito está inserido. Assim, o sofrimento

contemporâneo não pode ser lido como patologia individual, mas como sintoma de um contexto marcado pela performatividade e pela vigilância algorítmica.

Dessa forma, além da dimensão individual, a IA generativa também atua no campo coletivo, reforçando desigualdades sociais e simbólicas. Soares (2024) aponta que tais tecnologias podem reproduzir “imperialismo, consumismo, racismo, exploração e precarização do trabalho e agravos de saúde mental” (p. 51). No caso da IA, esse risco se amplia, pois os sistemas aprendem a partir de dados historicamente enviesados, reproduzindo e até intensificando discriminações de gênero, raça e classe. Assim, longe de neutra, a IA se insere em disputas políticas que modulam subjetividades e organizam a vida social.

A Psicologia, diante desse quadro, não pode assumir uma postura de mera adaptação. Ao constatar que “a expansão da IA não parecia estar sendo acompanhada de uma produção ética, técnica e política por parte da Psicologia” (Soares, 2024, p. 9), torna-se evidente a necessidade de repensar o papel da profissão diante dessas transformações. É preciso compreender que a IA não é apenas inovação técnica, mas um projeto político de subjetivação, que transforma sujeitos em dados, vínculos em métricas e afetos em capital simbólico. Assim, a Psicologia não pode corresponder apenas às expectativas do mercado, mas às demandas concretas da sociedade.

Portanto, mais do que acompanhar a inovação tecnológica, a Psicologia deve resistir à desumanização instaurada pela lógica algorítmica. Isso inclui a defesa da pluralidade, do direito ao afeto para além dos dados e da construção de espaços coletivos de resistência subjetiva. A Psicologia Social, por meio de autores como Lane (1984), oferece bases teóricas e éticas para essa tarefa, ao compreender a subjetividade como histórica e situada, e ao sustentar uma atuação comprometida com a dignidade humana e com práticas que confrontem os impactos da IA sobre a vida psíquica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou criticamente as implicações da Inteligência Artificial Generativa nos processos de subjetivação contemporâneos. Observou-se que a IA generativa não apenas organiza informações, mas cria conteúdos e narrativas, simulando subjetividade e instaurando novas formas de relação entre humanos e máquinas. Essa característica a diferencia de outras tecnologias digitais, pois influencia diretamente afetos, vínculos e modos de existir.

Seus efeitos incluem a intensificação de sofrimentos psíquicos, como ansiedade e esgotamento, bem como novas formas de alienação afetiva, em que vínculos artificiais competem com as relações humanas. Além disso, ao aprender a partir de dados marcados por

desigualdades históricas, a IA reproduz exclusões e reforça hierarquias sociais, confirmando que não se trata de ferramenta neutra, mas de um projeto político de subjetivação (Sayad, 2023; Soares, 2024).

Diante desse cenário, a Psicologia é convocada a adotar uma postura crítica e ética, resistindo à redução da subjetividade a métricas algorítmicas e defendendo práticas que valorizem a singularidade humana. Sugere-se, para pesquisas futuras, a realização de estudos empíricos que aprofundem como diferentes grupos sociais vivenciam a presença da IA generativa e seus impactos na vida psíquica e social.

REFERÊNCIAS

BYUNG-CHUL, Han. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enrico Sganzerla. Petrópolis: Vozes, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILÁRIO, Leomir. **A smartificação da vida**. In: SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho (org.). *Inteligência artificial e psicologia: diálogos, reflexões e provocações*. Curitiba: Editora CRV, 2024. p. 17–24.

LANE, Silvia T. M. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LESSA, Sérgio. **Prévia-ideação e técnica: uma abordagem ontológica**. In: SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho (org.). *Inteligência artificial e psicologia: diálogos, reflexões e provocações*. Curitiba: Editora CRV, 2024. p. 105–117.

SAYAD, Alexandre. **Inteligência artificial e pensamento crítico: algo de novo debaixo do sol**. São Paulo: Papirus, 2023.